OS *CONRAZANEOS* DO CENTRO URUGUAY: AS ESTRATÉGIAS POLÍTICAS A PARTIR DA SOCIABILIDADE NEGRA NO PÓS-ABOLIÇÃO URUGUAIO[1]

Fernanda Oliveira da Silva[2]

Este artigo problematiza o surgimento do *Centro Uruguay* em torno das ações de seus membros, as quais não podem ser descoladas das estratégias traçadas para dialogar com a política nacional uruguaia num contexto em que o pós-abolição estava ainda muito demarcado e limitando a participação negra. O *Centro Uruguay* é um clube social criado por membros assumidamente negros em 1923 e cujas atividades estavam voltadas para os homens e mulheres da *raça*, os denominados *conrazaneos*[3]. Mas afinal, qual o contexto em que se encontra esse objeto e o que ele auxilia a iluminar?

Para responder a esse questionamento é preciso evidenciar os caminhos dessa pesquisa. Deparei-me com o associativismo negro uruguaio através da imprensa negra de Pelotas, mais precisamente, do jornal *A Alvorada*[4]. Ao adentrar na historiografia sobre a presença negra na América Latina as referências eram principalmente sobre Montevidéu. Porém, já apontavam para a existência de uma organização negra no interior, na fronteira com o Brasil. As fontes para tratar do associativismo negro no pós-abolição nem sempre são de fácil localização, visto que não necessariamente se encontram em arquivos públicos. Mas para minha felicidade, encontrei na hemeroteca da Biblioteca Nacional do Uruguai dois periódicos negros da cidade de Melo: *Acción* e *Orientacion.* Melo está localizada no departamento fronteiriço ao Brasil, Cerro Largo. Estes periódicos em conjunto com documentos oficiais do *Centro Uruguay* os quais se encontram em poder de seus associados, constituem o corpo documental que se transformou em fonte para a pesquisa que aqui apresento os primeiros resultados.

O Uruguai aboliu a escravidão ainda na primeira metade do século XIX, entre 1842-1846 no contexto das guerras de independência. O *Centro* que aqui apresento é uma experiência que teve

---

[1] Texto apresentado no 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Curitiba (UFPR), de 13 a 16 de maio de 2015. Anais completos do evento disponíveis em http://www.escravidaoeliberdade.com.br/

[2] Doutoranda em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. feolisilva@gmail.com.

[3] Agradeço aqui a contribuição do historiador José María Pose, da cidade de Melo (UY), que disponibilizou o seu acervo pessoal e sanou dúvidas fundamentais para a pesquisa que aqui apresento apenas uma parte, assim como as informações e documentações gentilmente cedidas pelos associados do Centro Uruguay, especialmente srs. Ramón Farías e José Ramón Fernandez.

[4] SILVA, Fernanda Oliveira da. *Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços:* associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943). Porto Alegre: PUCRS, 2011. Dissertação (mestrado em História).

inicio no ano de 1923, num contexto de pós-abolição. As demandas evidenciadas pelos associados desse clube, além de constituírem um espaço de sociabilidade para os seus estão relacionadas à racialização reinante nos anos que procederam a abolição. Conclamam por uma liberdade que traria em seu bojo significados ainda não observados, que não comportasse uma ideia de raça, principalmente essencializada, como balizadora das relações sociais, tão pouco na percepção que se tinha sobre as virtudes e problemas do grupo negro, e reivindicavam uma imaginação da nação que contemplasse os negros, como verá adiante.

Mas porque Melo? A historiografia sul-rio-grandense aponta o trânsito de pessoas através da fronteira com o Uruguai ao longo do século XIX, lembrando que a independência do país deu-se durante a denominada *Guerra Cisplatina*, em que o império brasileiro incorporou a então Província Cisplatina aos seus domínios. Apontamento que também se encontra na historiografia uruguaia sobre a presença negra no país[5]. Com a abolição da escravidão na recente nação uruguaia alguns foram os *manejos da fronteira*[6] pelos senhores brasileiros e pelos escravizados em terras sulinas. E a fuga para a nação independente e livre da escravidão como estratégia de liberdade pelos escravizados no Brasil já foi bem documentada[7], apontando para a concentração de negros na região da fronteira em ambos os espaços nacionais.

Questionei-me então sobre o século XX e qual não foi minha surpresa ao observar a manutenção de alguns laços através da pesquisa na imprensa negra de Pelotas, com destaque para o Centro Etiópico Monteiro Lopes, de Pelotas, em 1909, com extensão no Uruguai e da Frente Negra Pelotense entre 1933-1935 que foi seguida de perto pela criação *do Partido Autoctono Negro* naquele país em 1937. Ao adentrar nas fontes oficiais, principalmente atas de reuniões dos clubes negros pelotenses e da cidade fronteiriça Jaguarão os laços colocaram-se ainda mais presentes, era momento de atravessar a fronteira. O departamento fronteiriço é Cerro Largo, cuja capital é Melo,

[5] Exemplos podem ser encontrados em: BORUCKI, Alex; CHAGAS, Karla; STALLA, Natalia. *Esclavitud y Trabajo*. Un estudio sobre los afrodescendientes en la frontera uruguaya (1835-1855). Montevideo (Uruguay): Matergraf, 2009; PALERMO, Eduardo R. *Tierra Esclavizada*: El norte uruguayo en la primera mitad del siglo 19. Montevideo (Uruguay): Tierradentro Ediciones, 2013.

[6] Sobre a ideia de fronteira manejada ver especialmente FLORES, Mariana Flores da Cunha Thompson. *Crimes de fronteira:* a criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845-1889). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. (Coleção e-book ANPUH-RS).

[7] Exemplos podem ser encontrados em: CARATTI, Jônatas Marques. *O solo da liberdade*: as trajetórias da preta Faustina e do pardo Anacleto pela fronteira rio-grandense em tempos do processo abolicionista uruguaio (1842-1862). São Leopoldo: Oikos, Editora Unisinos, 2013; MATHEUS, Marcelo Santos. *Fronteiras da liberdade:* escravidão, hierarquia social e alforria no extremo sul do Império do Brasil. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2012.

as localidades de Rio Branco e Aceguá fazem fronteira direta, no lado uruguaio, respectivamente com Jaguarão e Bagé no lado brasileiro.

Infelizmente não é possível informar a descriminação numérica dos negros na região uruguaia. O último censo nacional que descriminou o número de negros no país foi em 1884, porém dava conta apenas da capital, para o interior a última contagem foi em 1852, com uma porcentagem de 8.8 de *negros* e *mulatos*. Não podemos esquecer que o Uruguai recebeu levas de imigrantes entre 1880 e 1930 e, é evidente que provocaram um considerável branqueamento da população, e, consequentemente, uma invisibilidade dos negros. Os quais somavam a isso o fato de concentrarem-se nas zonas fronteiriças com o Brasil, longe de um contato mais direto com as autoridades e recebendo migração de negros, especialmente do estado do Rio Grande do Sul mesmo depois da abolição da escravidão no Brasil[8]. Dados estes que foram apontados, porém ainda não foram observados sistematicamente.

Essa historiografia apontava a existência de algumas experiências associativas negras no interior, mas foi possível encontrar apenas uma pesquisa sistemática sobre o assunto, que privilegiou a memória dos afrodescendentes na fronteira, sem uma problematização das questões históricas[9]. Porém, nessa destacou-se a existência de uma organização negra na fronteira com o Brasil e a experiência de um jornal – *Acción* - o qual se colocou como uma importante forma de adentrar no associativismo negro da fronteira.

Em prol da unidade: O jornal Acción e as atividades do Comité Pró Edificio del Centro Uruguay

A primeira edição circulou em 15 de outubro de 1934 e trazia destacado logo abaixo do nome a seguinte descrição: "Órgano del Comité Pro Edificio del Centro Uruguay"[10]. Ou seja, o jornal, era diretamente ligado a um clube, se apresentava e era reconhecido pelos demais como o órgão defensor da *raça de cor*. Porém, o clube já existia quando da fundação do jornal. Foi fundado na cidade de Melo aos vinte e cinco de agosto de 1923 por Juan Arévalo, Pablo Alcántara, Juan P.

[8] ANDREWS, George R. *Negros en la nación blanca*: historia de los afro-uruguayos**.** Montevideo (Uruguay): Libreria Linardi y Risso, 2011. pp. 21-26.
[9]CHAGAS, Karla; STALLA, Natalia. *Recuperando la memória:* Afrodescendientes em la frontera uruguayo brasileña a mediados del siglo XX. Montevideo: Matergraf, 2009.
[10] Optei por apresentar as passagens em espanhol, porem com a ortografia atualizada.

Netto, Juan C. Pérez, Armando Sosa, Manuel de los Santos e José P. Montiel, todos trabalhadores, *analfabetos los mas de ellos*[11] e em seu regulamento interno informava que "podrán aspirar a socio, personas que no pertenezcan a la raza de color, siempre que esté conyugado con personas de color y que reuna las condiciones de que habla el Art. 4º"[12].

Até o aparecimento de *Acción* a capital da república uruguaia concentrava todas as experiências de imprensa negra existentes naquele momento. Esse aparecimento foi saudado através da principal revista da coletividade negra então existente, *Nuestra Raza - órgano de la colectividade de color* – de Montevidéu e noticiado nas páginas do órgão melense:

> Ha llegado a nuestra mesa de trabajo el colega que nos sirve de epígrafe, periódico quincenal de la colectividad que ve la luz en la progresista ciudad de Melo.
> Por el esfuerzo que representa, por el profundo y legítimo anhelo de elevación que traduce su programa, es digno de apoyo y merece todo estimulo.
> Al agradecer el envío, deseamos al colega hermano larga y prospera vida, y dejamos establecido el canje de práctica. – 'Nuestra Raza' órgano de la colectividad de color – Montevideo, Noviembre, 23 de 1934[13].

O *Centro Uruguay* apresentava uma organização fixa, com uma comissão diretora composta por presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiros e três conselheiros. Todos esses cargos eram ocupados por homens, às mulheres cabia auxiliar em uma sub-comissão *Comision de Damas del Centro Uruguay* também em prol da construção da sede própria. A comissão de mulheres era escolhida em assembléia e, caso fosse aprovada pela diretoria, era então empossada.

No primeiro ano de funcionamento o clube apresentou 136 associados homens e 13 mulheres os quais se envolviam nas atividades sociais: quermesses, pic-nics, bailes, partidas de futebol e reuniões culturais. A essas atividades poderiam assistir não associados, desde que portassem um convite especial concedido pela diretoria e cuja responsabilidade pelos convidados ficava a cargos do associado que solicitou os convites. O clube funcionava em sede alugada e teve desde seu início uma biblioteca, na qual disponibilizava livros e jornais para leitura e empréstimo aos associados.

O jornal *Acción* propunha-se a ser o órgão divulgador das ações do *Comité Pro Edificio*, porém através dele é possível acessar além das atividades promovidas, as ideias que se pretendia divulgar ao grupo e do grupo o que permite inclusive captar as referências e significados evocados

[11] Acción, Agosto-setembro de 1948, p. 1.
[12] *Estatutos Generales del Centro Uruguay*, 1932, p. 19. O capitulo 4º por sua vez, informava que para requerer associação era necessária que a indicação fosse feita por um associado.
[13] *Acción*, 30 de novembro de 1934, p. 3.

pelos envolvidos no que interpreto aqui como parte de uma cultura política. Nesse sentido, são sintomáticas as colunas assinadas por colaboradores e colaboradoras que evidenciam as leituras do passado e as aspirações do presente e futuro, como no exemplo que segue:

> Horas de lento dolor han agobiado a la Raza que un día vio pisoteados sus derechos por razones plenas de ignorancia y crueldad.
> Y la noche sin estrella del desconocimiento quiso envolver en prolongado sueño los ideales de una raza fuerte que no negaría su cooperación al progreso.
> Fueron necesario múltiples esfuerzos para ahuyentar las sombras y vivir el día de la re redención, y mientras la noche reinaba, la humanidad recibía nuestra ofrenda de trabajo y dolor.
> Con la aurora de la libertad la raza entonó el himno de sus triunfos y ascendiendo hacía las realizaciones demostró su fuerza.
> Es por eso, que no debe existir en nosotros el desaliento, ni el temor al fracaso.
> Soñemos, forjemos un bello porvenir y sin cegarnos por los reflejos de lejanos espejismos hagamos pacientemente los trazos de la imagen simbólica de nuestros triunfos. En todas las etapas de nuestra marcha consideremos que no serán imposibles nuestra aspiraciones desde luego que son justas y van en acuerdo con los ideales del avance de todos los pueblos[14].

É ilustrativa a leitura do período da escravidão e a perspectiva de desconstrução dos preconceitos racistas que se impuseram principalmente em fins do século XIX e princípios do XX. E permite observar que as discussões após cerca de 100 anos da abolição formal da escravidão ainda eram em torno da liberdade e dos direitos de cidadania em construção. Soma-se a isso a percepção da mobilização social como fundamental na ampliação dos *direitos* e *aspirações*.

O jornal *Acción* circulou entre 1934 e 1952, com algumas interrupções, em quatro épocas[15]. Durante todo o período foi dirigido por Juan Jacinto Ferrán, porém na 1ª época dividia a função com Carlos M. Pérez. Se propunha a *defensa y protección a la Raza*[16] e divulgava as atividades do *Clube* percebido como um espaço simbólico em torno do qual se organizavam os *conrazaneos* responsáveis por colocar a *raza de color en la situación que le corresponde*[17]. Era o porta-voz do *Comité* e parece se fundir com a diretoria do clube. Suas ações aconteciam na sede do clube, e prezavam sempre pelo puritanismo com relação aos hábitos e manifestações externas da organização. O mesmo se verifica nas relações estabelecidas com as localidades de Fraile Muerto e Treinta y Três, por exemplo, assim como nas transcrições relacionadas a referências negras nas Américas, com destaque para Booker Whashington[18] a partir dos colabores e colaboradoras do centro. Essa retórica de inclusão típica da primeira fase da mobilização negra é evidenciada ainda

---

[14] *Acción*, 30 de novembro de 1934, p. 1.
[15] I época: 1934-1935, II época: 1944-1946, III Época: 1947-1950, IV Época: 1950-1952.
[16] Acción, 30 de novembro de 1934, p.1.
[17] Idem.
[18] Booker Taliafero Washington (1856-1915) norte-americano que dedicou-se a educação como forma de ascensão social, deixando importantes escritos principalmente sobre a educação voltada para o mercado de trabalho.

na submissão da ramificação feminina do clube ao *Comité*. A organização feminina, com sede em Montevidéu, existia pelo menos desde 1927 e se prestava aos objetivos do *Comité*, auxiliar financeiramente para a construção da sede própria, mas cujas atividades passaram a estar diretamente vinculadas e dependentes de aprovação do *Comité* a partir de 1934.

Em 1935 o jornal passou a ser mensal e por vezes teve números duplos. Era recorrente a solicitação de que os assinantes contribuíssem em dia e se empenhassem em conseguir mais assinantes, o que pode não ter acontecido e justificar a suspensão das atividades, em decorrência de problemas financeiros para a manutenção do jornal, visto que nenhum dos diretores eram redatores por profissão, Ferrán, por exemplo, era sapateiro e porteiro. Foi a partir da II época de Acción que começaram a aparecer as divergências internas do grupo. O jornal era até então uma voz homogênea, que dificultava a interpretação de nuances, porém, tratando-se de uma coletividade, mesmo que seja difícil estipular o número de associados que liam o jornal, é provável que as divergências estivessem presentes. Duas noticias em especial merecem destaque: o surgimento de um periódico dirigido por Carlos M. Pérez, ex-diretor do *Acción* e que me mereceu uma nota muito pequena frente às demais que o jornal costumava divulgar, mesmo quando não eram noticias envolvendo os conrazaneos[19]; assim como a divulgação do encerramento das atividades do *Comité de Ayuda al Comité Pro-Edificio* que funcionava em Montevidéu[20] encerramento esse decorrente de *comentários maldosos*. Mas esses comentários vinham de quem? Aparentemente tinham eco e é ao observar as linhas de outro periódico que a resposta parece se afigurar.

Orientacion e os rumos políticos da coletividade negra de Melo

O jornal *Orientacion* foi publicado em Melo entre 1941 e 1952. Até 1944, na I época, se autodenominava *Órgano de la Colectividad de color* quando passou a se denominar *Periodico Racial*[21] e teve início a II e última época de que tenho conhecimento até então. Apresentava em cada edição um artigo relacionado aos problemas encontrados pelos negros nos espaços em que era veiculado, mas também assuntos concernentes aos negros em perspectiva diaspórica, com destaque para a Etiópia e Estados Unidos, o que pode justificar o lema do mesmo ser *Unidad - Solidariedad -*

[19] Acción, junho de 1944, p. 2.
[20] Acción, Agosto-setembro de 1947, p. 1.
[21] Orientacion, agosto de 1944, p. 1.

Esfuerzo. O jornal teve tiragem quinzenal entre 1941 e 1944, quando passou a ser mensal e por vezes apresentou números duplos.

O jornal era dirigido por Carlos M. Pérez, o mesmo diretor da primeira época de *Acción*, e administrado por José Ramón Fernández. Já no editorial do 1º exemplar é possível inferir que existiam diferenciadas perspectivas de ação na coletividade negra melense. Esse editorial foi intitulado "*Estamos de Nuevo en la Brecha"* e fazia questão de reconhecer o papel precursor de *Acción* na *prensa racial* do departamento. O jornal surgiu sete anos após o aparecimento daquele, e o diretor havia feito parte da direção da primeira época daquele. *Orientacion* parece ser fruto de uma dissidência dentro do jornal anterior, visto que os diretores eram membros do *Centro Uruguay* e o jornal defende também os interesses do clube, além disso, ambos foram da diretoria do *Centro* durante todo o período compreendido pela existência desses dois jornais (1934-1952). Somado a esses elementos a passagem a seguir, presente na primeira página do número 1 é bastante ilustrativa:

> […] surge a la vida nuestro órgano de publicidad que es una tribuna al servicio de los ideales de la raza y por la exaltación de los mismos, una tribuna periodística que era una sentida necesidad en nuestro medio para combatir los males existentes en nuestra colectividad y para combatir prejuicios que nunca se justificarán. […] sus columnas estarán abiertas para todos los representantes de la raza, sin distingos de ninguna índole.[22]

Na edição seguinte já começa a figurar no jornal aquela que parece ter sido sua principal bandeira: uma rua com o nome de Manuel Antonio Ledesma (Ansina). Voltarei a essa discussão em seguida, mas é preciso contextualizá-la, pois ela vem se colocando como o ponto alto da mobilização dos conrazaneos melenses e uruguaios de uma forma geral. Permite evidenciar o quão complexo era o espaço de sociabilidade criado a partir de um clube social negro. A sociabilidade aqui adquire contornos que extrapolam sobremaneira o ato de reunir-se para dançar e, a cultura nesse sentido mais restrito, vai mostrando as suas faces, aqui observadas pela ótica da reivindicação de um significado mais amplo da liberdade que alia os grupos negros e o pertencimento nacional traduzidos na construção de um símbolo e na reivindicação desse como parte do panteão nacional.

Em fins da década de 1930 os companheiros de *Centro* Juan Jacinto Ferrán, Carlos Pérez e Telésforo Machado criaram o *Comité Cerro Largo de Homenaje Ansina* e solicitaram ao Intendente Municipal, Alcides Lucas, que a capital departamental tivesse uma rua com o nome do fiel companheiro de Artigas. Essa experiência forneceu a base para que em 1941 se criasse o *Comité Racial Democrático*, após acrescentou-se o '*y patriótico'*. Este foi fundado por Juan Jacinto Ferrán,

[22] Orientacion, 12 de outubro de 1941, p. 1.

Carlos Pérez e José Ramón Fernandez e acabou encontrando adeptos em diferentes localidades, como Salto, Rivera, Mercedes e Rocha e com amplo apoio da organização negra de Montevidéu. Embora *Acción* também tenha divulgado algumas ações do referido comitê, foi em *Orientacion* que a divulgação foi maior. Nesse sentido, o jornal levou a cabo uma pesquisa com os intelectuais conrazaneos e não conrazaneos sobre a homenagem ao fiel escudeiro de Artigas, Ansina. Deslocou-se paras as cidades em que havia organizações do mesmo tipo e manteve relação direta com o poder político local a fim de levar a cabo a iniciativa de nomear uma rua com o nome de Ansina. Este *Comité* se manteve ativo até 1950.

Possibilita assim captar para além da organização do clube, a ação coletiva e capacidade de mobilização dos associados em torno da imprensa e da bandeira de luta que os unificava materializada na solicitação da rua com o nome do prócer negro. Essa mobilização externou uma atividade evidentemente cívica e política através da afirmação pública para os negros associados em organizações sociais. Ponto que vem se consolidando como estratégia de ação dos grupos sociais negros em sociedades de pós-abolição[23].

Foi também através do referido jornal que se realizou uma exposição da imprensa *racial* "la primera de toda la República"[24] e departamental de Cerro Largo, tendo inicio em 19 de abril de 1942, organizada pela *Agrupación Racial – Cultural Orientacion*, e no mesmo programa realizou conferências voltadas à *cultura* da comunidade negra, cujo primeiro tema foi *conversacion sobre motivos raciales*[25] em que se abordou a vida e contribuição do conrazaneo americano Jorge W. Carver[26], seguida por um baile comemorativo. O jornal utilizou suas páginas também para propor a realização de um *Congreso Racial* a fim de discutir o plano de comemorações em torno dos 100 anos da abolição da escravidão, destacando que era necessário discutir os problemas que atingem a comunidade negra em decorrência do preconceito racial[27]. O discurso presente no jornal deixa transparecer uma comunidade negra bastante heterogênea com problemas diversificados, entre este

[23] Sobre isso ver especialmente ANDREWS, George R. *América Afro-Latina* - 1800-2000. São Carlos (SP): EdUFSCar, 2007; PEREIRA, Flávia Alessandra de Souza. *Organizações e Espaços da Raça no Oeste Paulista:* Movimento Negro e Poder Local em Rio Claro (dos anos 1930 aos anos 1960). São Carlos (SP): UFSCar, 2008. Tese (Doutorado em Sociologia); Skocpol, Theda; Liazos, Ariane; Ganz, Marshall. *What a Mighty Power We Can Be:* African American Fraternal Groups and the Struggle for Racial Equality. Princeton (EUA), Oxford (ING): Princeton University Press, 2006.

[24] Orientacion, 30 de abril de 1942, p. 1.

[25] Idem;

[26] Jorge Washington Carver (1865-1943) norte-americano que desenvolveu importantes técnicas para melhoramento da agricultura.

[27] Orientacion, 30 de junho de 1942, p. 1.

está o analfabetismo, a dificuldade em acender a cargos públicos e a desunião da raça numa franca critica a associações que impedem a participação de conrazaneos em decorrência de preconceitos classistas.

É neste jornal que se faz presente notícias sobre outro clube da cidade, e também voltado à comunidade negra, o Renato Marán, que aparece nas páginas de *Acción* apenas em pequenas notas ou na coluna *Ellos y Ellas* que utiliza-se do humor para fazer críticas a comportamentos considerados imorais. Ao que tudo indica esse clube concentrava negros de menor poder aquisitivo e com hábitos menos regrados que os do *Centro Uruguay*, porém as notícias veiculadas no *Orientacion* não transparecem um juízo de valor e fazem questão de valorizar os esforços do associados do referido clube. Levando-se isso em consideração é possível que o descrito no número inicial do jornal tenha sido uma bandeira sempre presente entre os redatores, ou seja, não houve distinção entre os conrazaneos desde que as atividades fossem em prol da emancipação do grupo. E talvez provenha daí as duras críticas ao que consideram uma falta de democracia existente na diretoria do *Centro Uruguay* [28]. Este periódico nos lega ainda maior contato com as referências negras diaspóricas, como o pugilista americano John Louis, do *monarca etíope* Haile Selassie, assim como do poeta afrocubano Nicolas Guillen e do contato com os clubes negros brasileiros localizados na fronteira, como o Vinte e Quatro de Agosto de Jaguarão.

A luta dos grupos negros era por reconhecimento e aceitação em que almejavam verem-se inseridos e, como as críticas dentro do grupo permitem perceber, numa distinção interna, mas também externa ao grupo, principalmente frente às ideias preconceituosas que relegavam determinadas características negativas ao grupo e vistos como desprovidos de capacidade de organizarem-se. A atenção para as divergências intra grupo permitem acessar o conteúdo das políticas raciais de parte dos grupos negros numa sociedade pós-abolição ao extremo sul do Atlântico[29]. A perspectiva, assim, comporta diferentes significados dentro da racialização que reinava.

Todos por Ansina

[28] Orientacion, 28 de fevereiro de 1942, p. 4.

[29] Sobre as políticas raciais negras na diáspora ver especialmente: GILROY, Paul. *O Atlântico Negro:* modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: UCAM, 2001.

As práticas de sociabilidade voltada às negras e aos negros de Melo, como os bailes, quermesses e apresentações teatrais, permitem acessar o conteúdo político e o campo de estratégias gestado para proporcionar um diálogo com o poder público. O qual teve início num trânsito constante com a Revista *Nuestra Raza*, e consequentemente com o *Partido Autóctono Negro* (1936-1944) que foi fundado pelos conrazaneos pertencentes em sua grande parte a referida revista, com destaque para o candidato a presidência pelo partido, Salvador Beterbide, um melense de nascimento e apoiador do *Centro Uruguay*. A dissolução do partido, em 1944 foi divulgada por *Acción* e chama atenção que a única disputa em relação aos bens deu-se em torno de um quadro de Ansina[30]. É preciso então entender as referências e representações próprias do grupo negro uruguaio num contexto de identidade nacional. O *Centro Uruguay* foi fundado em 25 de agosto de 1923, a Revista *Nuestra Raza,* em sua segunda época, foi articulada em 25 de Agosto de 1933, e as edições dos jornais aqui apresentados apresentavam em média quatro páginas, porém, nos dias 25 de agosto as edições apresentavam até 10 páginas. E, nessas edições que o *Ansina* mais era evocado. Afinal, 25 de agosto é o dia da independência do Uruguai, a data magna.

Ansina era apontado como o soldado fiel do líder independentista Artigas, que o teria acompanhado em seu exílio no Paraguai a partir de 1820. Porém, Ansina não era cultuado e tão pouco tinha um lugar reservado no panteão nacional. Mais que isso, quando das comemorações do Centenário da Independência a publicação oficial, *o livro do centenário*, invisibilizava completamente a presença negra em terras orientais. Nem mesmo a contribuição dos negros aos batalhões de pardos e morenos no processo de independência foi referido e ao tratar da população de origem africana o livro informava que *"la pequeña proporción de raza etiópica introducida al país por los conquistadores españoles, procedente del continente africano, a fin de establecer la esclavitud en estas tierras, disminuye visiblemente hasta el punto de constituir un porcentage insignificante."*[31]

Os negros uruguaios foram invisibilizados do passado nacional e da história atual através do discurso oficial, o clube social reflete essa invisibilidade e a partir dele os grupos se organizaram para contrapor a (não) visão reivindicando um lugar para os negros, uma *negritude patriótica*[32], a

[30] Accion, 25 de agosto de 1944, p. 2.
[31] Agencia Publicitad Capurro & Cía. (EE.) El libro del Centenário del Uruguay, 18825-1925. Montevideo (UY): Imprenta Latina Ucar Blanco, 1925. p. 43.
[32] GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. "Cidadania e retóricas negras de inclusão social". In: *Lua Nova*, nº 85, pp. 13-40, 2012. p. 33.

partir do símbolo de *Ansina.* Essa perspectiva permite expandir a compreensão dos movimentos sociais negros em outros espaços e a partir de um espaço envolto numa área de lazer que não comporta, no imaginário, a face política. Porém, a cultura mesmo no seu sentido mais restrito também comporta significados.

Dessa forma, o *Comité racial, Democrático y Patriótico* surge num contexto de guerra, em 1941, e dialoga diretamente com o poder público em prol de conferir um lugar de destaque ao negro no panteão nacional. A referência a Ansina evoca a história, mas permite principalmente observar as representações criadas e capazes de unificar um grupo, até mesmo as possíveis divergências de Juan Jacinto Ferrán, diretor de *Acción*, e Carlos Pérez, diretor de *Orientacion* e ex-diretor de Acción. A unidade se deu em prol de algo simbólico que está diretamente vinculado com uma identidade negra positiva gestada a partir da liberdade. Ansina, não era tratado como escravo, mas como soldado. Um soldado fiel e capaz de seguir e cuidar de seu companheiro até os últimos dias de vida daquele, o que permitia que se contrapusesse uma série de preconceitos e lugares sociais legados aos grupos negros no pós-abolição.

A reivindicação de uma rua com o nome Ansina correu o Uruguai e organizou os grupos em diferentes cidades, como é possível apreender através das páginas dos periódicos negros de Melo. Em Melo a organização teve inicio em 1940, em 1943 a Junta Departamental recebeu uma representação do *Comité* e o então intendente municipal, Dr. Eccher, foi o portador da nota em reunião nacional das juntas departamentais. Porém, em 1944 a solicitação ainda não havia sido atendida no departamento de Cerro Largo. O grupo, no entanto, não deixou de tencionar e aproveitando uma reunião da junta departamental cuja pauta era mudança nas designações de praças, parques, ruas e avenidas os membros do *Comité* relembraram a solicitação em prol de que "una calle lleve el nombre del tambiém prócer de la pátria que es don Manuel Antonio Ledesma (Ansina)". A solicitação dava conta de um terço da Paysandú, entre as ruas Pilar e Ejido. A rua em que se havia comprado o terreno e começado a construção da sede própria do *Centro Uruguay.*

A edição comemorativa da independência do país em 1946 trazia estampada na primeira página o cabeçalho "1825 – 25 de Agosto – 1946. Declaratoria de la Independencia Nacional – Gloria efeméride Patria". E, logo abaixo do título do jornal uma fotografía de um homem negro e com idade avançada, com uma barba branca e acima desta: "Ansina", sendo que toda a primeira página fora preenchida por um poema em prol de Ansina, assinado pelo poeta conrázaneo Pilar

Barrios[33]. O cabeçalho na página seguinte destacava que "La colectividad de la Raza Negra del Pueblo Cerrolarguense, aún esperan de las Autoridades Municipales la designación de la calle Ansina en honor al prócer negro[34]."

A referida edição era repleta de exemplos de conrazaneos, membros da *raza negra* com exemplos positivos, com fotos bem destacadas, como as do poeta que abrira a edição, do correspondente da cidade de Treinta y Tres um *propulsor del movimiento social y cultural de la colectividad de color treintaitresina*, membro do clube *Manuel Antonio Ledesma (Ansina)* daquela cidade, o qual não foi nomeado; a poetisa Virginia Brindis de Salas. Porém, é o destaque conferido a César A. Techera, um conrazaneo de Montevidéu que chama a atenção e dá pistas dos problemas de cunho político que conferiam ainda mais faces a *problemática* para conferir o nome de Ansina a uma rua. O referido redator destaca que comenta-se dos interesses políticos em jogo e é bem enfático em suas palavras:

> […] No entraré a juzgar lo que considero inadmisible y bajo proceder de quienes están para servir al pueblo y la patria, y se dejan arrastar por pasiones y divisas, llegando como en esto caso hasta desconocer derechos indiscutibles a quienes como 'ANSINA' nos legaron *Patria y Libertad.*
> Y para terminar sólo diré que ya van corridos más de cuatro años en que fue iniciada la campaña pro calle ANSINA; y que a la presente comuna le quedan siete meses para reparar esta antipatriótica actitud, y es de esperar que así lo haga aun para justificar aquella bandera de *democracia y patriotismo* enarbolada en la última campaña pre electoral.
> *El Señor Intenpente* [SIC] *y la Junta Departamental tienen la palabra*[35].

Em 1948 comemorou-se nas páginas de *Acción* a denominação concedida pelo Governo Nacional a um povoado no departamento de Tacuarembó: *Ansina*[36]. A reportagem tece elogios ao ato, porém é interessante que o povoado que recebeu essa designação era até então chamado de *Paso* ou *Picada del Borracho*. O nome é intrigante, e não foi possível achar maiores informações que meros apontamentos. Sabe-se que já em 1868 existia essa alcunha e que a localidade era composta basicamente por trabalhadores que ofereciam o serviço de atravessadores pelo rio Tacuarembó e talvez tivessem o hábito de consumir álcool[37]. Restam alguns questionamentos: tratariam-se de negros? Seriam negros que optaram por um controle do seu tempo e cujos hábitos eram estranhos as demais pessoas com as quais tinham contato e isso mobilizou o nome conferido ao local? O que se sabe é que as denominações eram modificadas mediante solicitação, infelizmente não foi possível encontrar ainda o solicitante dessa demanda. Mas é plausível que tratasse de um lugar com presença de negros e o intuito fosse de positivar a localidade. Além disso, é justamente nesse período que a localidade está passando por uma maior organização, contando com uma

[33] Acción, 25 de Agosto de 1946, p. 1.
[34] Acción, 25 de Agosto de 1946, p. 2.
[35] Grifos conforme o original. Acción, 25 de Agosto de 1946, p. 9.
[36] Acción, agosto-setembro de 1948, p. 2.
[37] ARREGUI, Miguel (E.). *Uruguay Pueblo a Pueblo.* S/L: El Observador, 2003, p. 505.

escola. E a localidade recebeu uma estátua de Ansina, infelizmente não é possível informar a data que o monumento foi lá instalado, porém dificilmente estaria em um lugar que não se identificasse com a referência a fiel escudeiro de Artigas, o negro Ansina. A estátua inclusive reproduz a imagem que estampou a primeira página de Acción no dia da independência, em 1946.

A referida localidade recebeu o nome de *Ansina* sem referência ao nome completo, e Ansina tratava-se de um apelido bastante comum. Infelizmente, isso não é incomum em tratando-se de pessoas negras e que tiveram seus nomes invisibilizados pela história por muito tempo. Porém, acredito que ai pode se encontrar outro mistério. O nome de rua reivindicado pelo *Comité* em Melo foi alcançado em cidades como Salto, Rivera e Rocha em decorrência da repatriação dos restos mortais de Ansina, que se deu em 1940. Porém, como destaquei algumas páginas atrás, o nome da rua era *Manuel Antonio Ledesma (Ansina),* foi sobre esse nome que se deu toda a reconstrução histórica e valorização evidenciada através das páginas dos periódicos raciais *Acción* e *Orientacion*. No entanto, Manoel Antonio Ledesma e Ansina seriam pessoas diferentes e as autoridades do governo nacional do Uruguai sabiam disso, pois encomendaram uma investigação ao Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai em 1927[38] em decorrência da solicitação de repatriação dos restos mortais de Ansina, que se encontravam no Paraguai.

Manuel Antonio Ledesma teve sua existência documentada, foi um sargento que atuou junto a Artigas e o acompanhou até o Paraguai, mas lá chegando foi dispensado junto a outros soldados. Já Ansina seria o apelido ou uma forma carinhosa pela qual se denominava Joaquím Lenzina, podendo ser inclusive uma variação de seu sobrenome. Este não teve a existência comprovada através de documentação, mas lhe é atribuída uma vasta obra poética recuperada a partir dessas investigações e teria sido ele o fiel escudeiro de Artigas[39]. E quem as guardou foi Ledesma que o teria reencontrado após a morte de Artigas. Ambos eram negros e teriam lutado junto a Artigas. Porém essas histórias necessitam ainda de maiores investigações. Naquele momento se recusou a possibilidade de repatriar os restos mortais de Ansina, visto que ele poderia nem ter existido e não havia pistas materiais de seu sepulcro. Em 1940 repatriaram os restos mortais de Manuel Ledesma, mas as indefinições sobre a identidade e existência de *um* Ansina foram mantidas. Foi a imagem de Ledesma a base para as esculturas de Ansina e as divulgadas nos periódicos *Acción* e *Orientacion*

[38] ACEVEDO, Pablo Blanco; FERREIRO, Felipe; ARREDONDO HIJO, Horacio. Documentos Oficiales. In: *Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay.* Tomo V, nº2, 1927. pp. 731-750.
[39] Os poemas atribuídos a Joaquím Lenzina foram organizados na seguinte coletânea: Equipo Interdisciplinario de Rescate de la Memoria de Ansina (EE.). *Ansina me llaman y Ansina yo soy.* S/L: Rosebud Ediciones, 1996.

Como Ansina era um apelido bastante comum, poderia ser qualquer pessoa, provavelmente Joaquím Lenzina como afirmou Ledesma, mas tratava-se de um negro com o nome *esquecido* pela história.

Pode ter sido uma estratégia desconstruir a existência real de Ansina, não podemos esquecer que a América Latina tem em sua história a discussão sobre alguns mitos, e um muito semelhante estava bem próximo nesse momento: teria Bartolomé Mitre construído a retórica sobre o negro *Falucho* como um soldado leal as forças independentistas, e um suicida frente ao exercito espanhol para gestar um (não) lugar aos negros na nova nação Argentina ainda no século XIX?[40] Ou estamos frente a uma artimanha da escrita da história positivista que se isentou de conferir nomes as pessoas comuns? As autoridades de Melo sabiam? Os grupos negros foram informados? Infelizmente as fontes não me permitem responder que sim. Enfim, os questionamentos são inúmeros e os estou perseguindo através de outras fontes.

Porém, toda a contextualização das práticas de sociabilidade racializadas na cidade de Melo e suas ramificações permitem que eu interprete a figura de *Ansina* como uma busca por inserção na identidade nacional de uma coletividade que não sabia nem ao certo quantos eram, visto que o Uruguai suspendeu a descriminação racial em seus censos a partir de 1884. Uma coletividade que era heterogênea e apresentava problemas comuns aos que as pesquisas para o Brasil vêm apontando em termos de sociedades pós-abolição. E uma coletividade que com uma série de divergências se uniu em prol de uma representação que comporta uma leitura de seu passado e conformava entre os anos de 1940 e 1950 uma cultura histórica e uma cultura política construída e que projetava o significado de liberdade que os conrazaneos de Melo, do Uruguai e da diáspora africana de uma forma geral esperavam alcançar, com o fim dos preconceitos baseados numa ideia de raça e as condições de acesso aos direitos e deveres iguais para todos os cidadãos, independente de qual *raça* eles compartilhassem.

Felizmente, parece que a luta não foi gratuita, pois em 1º de fevereiro de 1950 o Intendente Municipal encaminhou uma cópia do decreto ao *Centro Uruguay* informando que o projeto do decreto que autorizava a nomeação da rua havia sido encaminhado para aprovação. E em 1951 o cabeçalho de *Acción* passa a vir seguido da seguinte informação: *"sede social en construcción: calles Ansina y José P. Varela.*" Local que até a atualidade conserva o nome de Ansina e a sede

[40] Sobre Falucho e a nacionalidade Argentina ver: SOLOMIANSKI, Alejandro. "El negro Falucho" y la subalternización sistemática de lo afroargentino. pp. 229-247. Disponível em: http://www.cea2.unc.edu.ar/africa-orientemedio/libros/afrodescendientes/10Alejandro-Solomianski.pdf Acesso em 28 de janeiro de 2015.

própria do *Centro Uruguay* em funcionamento, motivo de orgulho e reconhecimento aos conrazaneos de Melo.

Assim é possível observar as circunstâncias em que esse projeto se desenvolveu em torno da memória nacional que deveria comportar os negros, dando conta assim das hierarquias existentes e omissões no imaginário da nação. Os negros de Melo transitavam em diferentes espaços e também recebiam pessoas de diferentes cidades, da fronteira brasileira e de outros países como Argentina e Cuba discutindo a situação do negro no Uruguai, afirmando a sua existência e estando em contato com as perspectivas que chegavam através dos outros lugares. Dessa forma, voltando ao questionamento inicial o foco está em Melo, porém as ligações com outros espaços são inúmeras e dão conta de iluminar um contexto maior de redes transnacionais de política e cultura afrodiaspórica que contempla também o extremo sul do Atlântico.

Fontes

Jornal *Acción* (1934-1952) – Biblioteca Nacional del Uruguay
Jornal *Orientacion* (1944- 1952) - Biblioteca Nacional del Uruguay e acervo pessoal de Juan María Pose.
Estatutos Generales del Centro Uruguay (1932) – Acervo pessoal de Ramón Farias.
Libro de atas del Centro Uruguay (1942-1943) – Acervo pessoal de Ramón Farías.

Bibliografia

ACEVEDO, Pablo Blanco; FERREIRO, Felipe; ARREDONDO HIJO, Horacio. Documentos Oficiales. In: *Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay.* Tomo V, nº2, 1927. pp. 731-750

AGENCIA PUBLICITAD CAPURRO & CÍA. (EE.) *El libro del Centenário del Uruguay*, 18825-1925. Montevideo (UY): Imprenta Latina Ucar Blanco, 1925.

ANDREWS, George R. *Negros en la nación blanca*: historia de los afro-uruguayos**.** Montevideo (Uruguay): Libreria Linardi y Risso, 2011. pp. 21-26.

ARREGUI, Miguel (E.). *Uruguay Pueblo a Pueblo.* S/L: El Observador, 2003.

CHAGAS, Karla; STALLA, Natalia. *Recuperando la memória:* Afrodescendientes em la frontera uruguayo brasileña a mediados del siglo XX. Montevideo: Matergraf, 2009.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. "Cidadania e retóricas negras de inclusão social". In: *Lua Nova,* nº 85, pp. 13-40, 2012.